

ENVELHECIMENTO HOMOSSEXUAL E MÉTODOS DE ENFRENTAMENTO A SOLIDÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO TRABALHO DE UMA ONG NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO

HOMOSEXUAL AGING AND METHODS OF COPING WITH LONELINESS: REFLECTIONS BASED ON THE WORK OF AN NGO IN THE MUNICIPALITY OF SÃO PAULO

Leonardo Davi de Oliveira Santos¹
Mônica Gurjão Carvalho²

Resumo: este estudo investigou as experiências de envelhecimento de pessoas idosas cis homossexuais vinculadas a uma ONG no município de São Paulo. Teve como objetivo investigar as experiências de envelhecimento, buscando compreender os modos de enfrentamento da solidão adotados por essa população, assim teve como ênfase debater as estratégias utilizadas para lidar com a solidão, a partir das narrativas dos próprios participantes. A pesquisa, de natureza qualitativa, foi conduzida por meio de entrevistas semiestruturadas com quatro participantes, cujas narrativas foram examinadas à luz da Análise do Discurso (AD), fundamentada nas contribuições teóricas de Michel Foucault. Os resultados indicam que o envelhecimento não deve ser entendido como um período de declínio, mas como uma fase potencialmente rica em sabedoria, reelaborações subjetivas e novas oportunidades. Embora a solidão se manifeste de forma recorrente entre os participantes, sobretudo em função do abandono familiar e da exclusão produzida pelo sistema cis-hetero-capitalista, foram identificadas diversas estratégias de enfrentamento, incluindo a socialização, o uso de redes sociais, práticas de autocuidado e a busca por apoio psicológico. Destaca-se o papel da ONG pesquisada como um espaço de acolhimento e pertencimento, que promove cidadania e contribui para a ressignificação do envelhecimento, favorecendo a construção de subjetividades mais autônomas e valorizadas. A pesquisa evidencia a importância de iniciativas coletivas no combate à exclusão social e no fortalecimento de redes de apoio para idosos LGBTQIA+, ressaltando que discutir esse tema implica atravessar múltiplas dimensões sociais, culturais e políticas. Ampliar o debate e a visibilidade dessa população é, portanto, fundamental para a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-chave: Envelhecimento LGBTQIA+; solidão; sexualidade.

Abstract: this study investigated the experiences of aging among cisgender homosexual elderly people linked to an NGO in the city of São Paulo. Its objective was to investigate the experiences of aging, seeking to understand the ways in which this population copes with loneliness, thus emphasizing the strategies used to deal with loneliness, based on the participants' own narratives. The qualitative research was conducted through semi-structured interviews with four participants, whose narratives were examined in light of Discourse Analysis (DA), based on the theoretical contributions of Michel Foucault. The results indicate that old age should not be understood as a period of decline, but as a phase potentially rich in wisdom, subjective re-elaborations, and new opportunities. Although loneliness is a recurring theme among participants, mainly due to family abandonment and exclusion produced by the cis-hetero-capitalist system, several coping strategies were identified, including socialization, the use of social networks, self-care practices, and the search for psychological support. The role of the NGO surveyed as a space of welcome and belonging stands out, promoting citizenship and contributing to the reframing of aging, favoring the construction of more autonomous and valued subjectivities. These findings highlight the importance of collective initiatives in combating social exclusion and strengthening support networks for LGBTQIA+ seniors, emphasizing that discussing this topic involves traversing multiple social, cultural, and political dimensions. Broadening the debate and visibility of this population is therefore essential for building a more just and inclusive society.

Keywords: LGBTQIA+ ageing; loneliness; sexuality.

¹ Psicólogo pela universidade São Judas Tadeu.

² Psicóloga pela Universidade São Judas/SP. Mestre e Doutora em Psicologia Social pela PUC-SP. Pós-doutoranda na Faculdade de Saúde Pública da USP. Psicóloga clínica e Professora do Centro Universitário Fundação Santo André - SP

1 INTRODUÇÃO

Solidão³

Estou sozinho
quando eu quero
quando eu não quero
Faço da minha solidão
a minha própria poesia
daí vejo a vida de forma mais alegre,
Me abraçando com a alegria,
pinto a vida como ela é
com todas as cores
com todo capricho
e com muito carinho
Me dou conta
que a solidão não é o sofrimento,
é apenas um momento,
um momento de solidão
Poema de Lírio

No Brasil, a Lei nº 10.741/2003, atualizada pela Lei nº 14.423/2022, institui o Estatuto da Pessoa Idosa, que define como pessoa idosa todo indivíduo com 60 anos ou mais. A população com 65 anos ou mais apresentou um aumento expressivo: há uma década, esse grupo era composto por aproximadamente 20,6 milhões de pessoas, enquanto atualmente soma cerca de 32,1 milhões, representando um crescimento de aproximadamente 56% (IBGE, 2022).

Esse aumento expressivo pode evidenciar a necessidade de revisar as políticas públicas e aprofundar a compreensão sobre o envelhecimento, considerando seus aspectos históricos, sociais, culturais e individuais (Camarano; Kanson, 2010). O envelhecimento, para além de um processo biológico, constitui uma construção social – uma narrativa que reflete as transformações culturais e a mudança dos discursos que moldam a subjetividade.

Dessa forma, pensar o envelhecimento implica refletir sobre os múltiplos aspectos sociais que o atravessam, considerando os marcadores sociais envolvidos, uma vez que o processo de envelhecer se intersecciona com diversas construções sociais. Nesse sentido, é preciso trazer a pergunta “quem tem direito a envelhecer?” quando se debate o tema, uma vez que se trata um processo heterogêneo atravessado por diversas condições, de tal maneira que:

Os encontros das discriminações, constituem-se como fatores que diferenciam as experiências dos envelhecimentos e das velhices, portanto, é compreender que os processos de envelhecimento para uma pessoa negra terão outras nuances assim como para uma pessoa idosa LGBTQIA+ terá outras questões que não farão parte de uma vivência por parte de pessoas idosas heterossexuais e brancas (Ferreira; Costa, 2024, p. 21).

³ Poema elaborado por um dos participantes da pesquisa e entregue aos pesquisadores.

Sob essa ótica, uma perspectiva interseccional é fundamental para ampliar o entendimento do envelhecimento. É nesse contexto que se insere a trajetória da população LGBTQIA+⁴, cuja vivência evidencia como os marcadores sociais moldam de maneira específica a experiência de envelhecer (CREPOP, 2023).

Historicamente, a população LGBTQIA+ no Brasil é marcada por lutas e conquistas. Nos primórdios dos movimentos de libertação sexual, busca de direitos iguais até a criação de programas, como o “Brasil Sem Homofobia”, pessoas LGBTQIA+ enfrentaram discursos excludentes e a marginalização social. Essa trajetória, permeada por repressão, gradualmente abriu espaço para o reconhecimento jurídico, sobretudo a partir dos anos 2000. Contudo, mesmo com avanços, existem desafios históricos, como a invisibilidade e a falta de representatividade nos espaços de poder que continuam a afetar a vivência desses sujeitos, especialmente na velhice (CREPOP, 2023).

Além disso, o processo de envelhecer na cultura brasileira é interpretado de maneira ambígua. Existem concepções tradicionais que associam a velhice a um período de declínio, isolamento e perda de autonomia, podendo estimular à marginalização e ao ageísmo. Por outro lado, estudos contemporâneos apontam para o envelhecimento ativo, como uma etapa dinâmica da vida, na qual os indivíduos podem ressignificar e desafiar os estereótipos (Freitas; Queiroz, Souza, 2010).

No contexto da população LGBTQIA+, os desafios do envelhecimento são mais complexos. A interseção entre discriminação etária e preconceito relacionado à orientação sexual e à identidade de gênero impõe um duplo estigma. A necessidade de ocultar suas identidades para evitar agressões contribui para um isolamento que vai além do que se observa nos idosos heteronormativos, o que dificulta o acesso a redes de apoio e a políticas públicas, contribuindo para a manutenção de práticas estigmatizantes (Santos *et al.*, 2018).

Diante desse cenário, o presente estudo teve como objetivo investigar as experiências de envelhecimento de pessoas idosas cis homossexuais, buscando compreender os modos de enfrentamento da solidão adotados por essa população. Para atingir esse propósito, a pesquisa foi realizada em uma ONG localizada na cidade de São Paulo, que constituiu o principal espaço de coleta e análise dos dados e tem como objetivo a promoção do bem-estar da população LGBTQIA+ idosa.

A escolha da ONG deu-se pelo fato de a instituição promover ações voltadas à construção de vínculos afetivos, ao suporte emocional e à promoção de direitos, criando espaços de convivência que favorecem o sentimento de pertencimento e a valorização da diversidade. Conforme descrito por esta instituição, são desenvolvidos serviços e projetos

⁴ A sigla LGBTQIA+ refere-se a lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros, queer, intersexuais, assexuais e outras identidades e orientações sexuais que não se enquadram em modelos heteronormativos ou cisnormativos. Neste artigo, optamos por utilizar a sigla LGBTQIA+ em decorrência das Referências Técnicas para Atuação de Psicólogas, Psicólogos e Psicólogues e Políticas Públicas para a População LGBTQIA+, publicadas pelo Conselho Federal de Psicologia (CFP) em 2023 e válidas até a presente data. Contudo, reconhecemos que outras organizações têm adotado a sigla LGBTQIAPN+, por considerá-la mais inclusiva. Não se trata de negar essa nomenclatura ou sua abrangência, mas de referenciar, neste trabalho, o documento sugerido pelo CFP.

direcionados ao atendimento psicossocial e à garantia de direitos. Em enfrentamento ao preconceito, à intolerância e à invisibilidade vivenciados por esse grupo, realiza-se um trabalho integrado e multidisciplinar, com o apoio de um quadro de voluntariado.

Destaca-se que a escolha desta ONG como campo de pesquisa decorre do fato de que, embora o Ministério da Saúde tenha promulgado, em 2011, por meio da Portaria nº 2.836/11, a Política Nacional de Saúde Integral LGBT (PNSI-LGBT), sua implementação ainda enfrenta diversos entraves. Esse cenário faz com que, em cidades como São Paulo, essa população continue a ser afetada pelo vácuo frequentemente presente na efetivação dessa política pública.

A escolha da ONG como campo de investigação decorre diretamente desse cenário, evidenciando os entraves e as obstruções à efetivação do princípio constitucional da universalidade de direitos para a população LGBTQIA+. Ademais, observa-se que a temática da solidão, debatida ao longo deste trabalho, também se relaciona à persistente ausência de garantias e políticas públicas destinadas a esse grupo.

Nesse sentido, a discussão sobre solidão surge como desdobramento natural dessas lacunas estruturais, razão pela qual essa categoria foi eleita como eixo central da análise. Diversos estudos e pesquisas apontam que, devido às discriminações sofridas no decorrer da vida, essa população acaba vivenciando a velhice como repleta “de momentos de solidão, de fragilidades físicas e com perdas de papéis sociais” (Ferreira; Costa, 2024, p. 22).

Destacamos que, na esteira do pensamento de Foucault (1981), compreendemos a solidão como uma condição ou efeito das relações de poder e dos mecanismos de controle social, podendo manifestar-se de múltiplas formas. Essa compreensão apoia-se especialmente no texto publicado em 1981, resultado da entrevista ao sociólogo Richard Sennett, intitulada “Sexualidade e Solidão”, no qual o autor desenvolve essa reflexão:

Conhecemos três solidões na sociedade. Conhecemos uma solidão imposta pelo poder. Esta é a solidão do isolamento, a solidão da anomia. Nós conhecemos uma solidão que suscita medo da parte dos que detêm o poder. Esta é solidão do sonhador, do *homme révolté*, a solidão da rebelião. E, finalmente, há uma solidão que transcende os termos do poder. É uma solidão na ideia de Epiteto que há uma diferença entre ser solitário e ser sozinho. A terceira solidão é a sensação de ser um entre muitos, de ter uma vida interior que é mais que um reflexo da vida dos outros. É a solidão da diferença (Foucault; Sennet, 1981, p. 2).

Levando em conta o objetivo apresentado e o conceito referido, este trabalho se ancorou na análise do discurso como referencial teórico, uma vez que tal abordagem se mostrou fundamental para compreender como os discursos normativos produzem e reproduzem subjetividades. A teoria discursiva de Michel Foucault (1987/1969) postula que o discurso não apenas descreve, mas também constrói a realidade social e define o lugar do sujeito dentro de um conjunto de relações de poder (Passos, 2019).

Ao integrar os fundamentos teóricos mencionados, o estudo reflete sobre a ampliação do debate sobre o envelhecimento, evidenciando a importância de considerar os contextos históricos, culturais e políticos que estruturam a experiência de envelhecer. Assim, o estudo contribui para a compreensão das estratégias de enfrentamento da solidão e para a reflexão crítica sobre as práticas excludentes.

2 METODOLOGIA

Este estudo adota uma abordagem qualitativa. Foi realizada uma pesquisa de campo com o propósito de observar e interpretar os materiais a partir de uma lógica que privilegia a singularidade dos sujeitos e o contexto em que os fenômenos se manifestam. O estudo buscou compreender os significados concebidos por cada participante, sendo essencial para isso a interpretação e reflexão dos fenômenos estudados para construção social da realidade (Denzin; Lincoln, 2006).

Levando em conta tal aspecto e, ancorando-se na teoria da Análise do Discurso (AD), os dados da presente pesquisa foram examinados. Trata-se de uma abordagem que ultrapassa a interpretação superficial da linguagem exteriorizada, evitando explicações simplistas para os discursos produzidos e considerando as condições sociais que possibilitam sua emergência (Lima *et al.*, 2017).

Para Foucault (1999), o discurso constitui uma dimensão de construção da realidade social, transcendendo, assim, um sentido meramente linguístico. Dessa forma, uma análise discursiva foucaultiana não se limita exclusivamente à análise linguística, uma vez que busca compreender o conjunto de todos os enunciados. Além disso, pretende refletir sobre o não dito e sobre um campo específico de práticas, o qual está inexoravelmente circunscrito por determinadas formações discursivas (Foucault, 1999).

A AD carrega como fundamentos o sujeito, o discurso e a linguagem, tais fundamentos, também perpassam por outro campo de estudos que colaborou com o processo de formulação da AD, a psicanálise, que possibilita situar aquilo que é sujeito da linguagem e efeito da linguagem, em outras palavras, a psicanálise contribui fortemente com este campo ao desafiar a ideia de um sujeito unificado e racional como centro da comunicação (Lima *et. al.*, 2017).

Cumprir destacar que, ao se empreender a AD sob a perspectiva foucaultiana, adotamos as noções de regime de verdade e produção de saberes. O primeiro conceito refere-se à verdade enquanto um conjunto de regras, práticas e discursos que definem o que é verdadeiro ou falso em uma sociedade, época ou contexto específicos. Já o segundo refere-se à criação de discursos e práticas que moldam a forma como os indivíduos compreendem o mundo e a si mesmos. Dessa forma, ao empregar esses dois conceitos, interpreta-se o discurso como uma prática social vinculada ao poder e aos seus dispositivos (Passos, 2019).

3 PROCEDIMENTOS ÉTICOS, DELINEAMENTO E PARTICIPANTES

A pesquisa foi avaliada e aprovada pelo Conselho de ética em Pesquisa (CEP) da Universidade São Judas Tadeu, tendo como Certificado da Apreciação Ética (CAAE) o número 85042324.2.0000.0089. A partir da aprovação, a coleta de dados foi iniciada, por meio de visitas realizadas na ONG. A organização indicou possíveis participantes para a pesquisa que, ao manifestarem concordância com o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e autorizarem o uso dos dados coletados, assegurados pelo anonimato, responderam inicialmente a um questionário sociodemográfico e, em seguida, foram convidados a participar de uma entrevista semidirigida⁵.

Foram realizadas entrevistas com quatro participantes, tendo como critério de inclusão: Participar da ONG, ter a partir dos 60 anos de idade, capacidade cognitiva para compreender as perguntas e se identificar como LGBTQIA+⁶.

Abaixo, na tabela 1, são apresentados os dados sociodemográficos dos participantes, foram escolhidos nomes de flores para cada participante:

TABELA 1 - Dados Sociodemográficos dos Participantes

Itens	Lótus	Lírio	Hortênsia	Jasmim
Idade	66 anos	64 anos	65 anos	72 anos
Gênero	Homem Cisgênero	Homem Cisgênero	Mulher Cisgênero	Mulher Cisgênero
Declaração Racial	Branco	Negro	Branca	Negra
Orientação Afetivo-Sexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual	Homossexual
Estado civil	Solteiro	Solteiro	Solteira	Viúva
Escolaridade	Ensino Superior incompleto	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo	Ensino Médio completo
Com quem reside	Sozinho	Sozinho	Sozinha	Sozinha
Renda	2 salários-mínimos	1 salário-mínimo	Entre 1 e 2 salários-mínimos	Entre 6 e 7 salários-mínimos
Profissão	Gestor projetos sociais	Vendedor	Aposentada	Aposentada
Já fez ou faz psicoterapia?	Já fez psicoterapia	Faz psicoterapia	Já fez psicoterapia	Faz psicoterapia

Fonte: Autores (2026)

⁵ O roteiro de entrevista foi elaborado pelos pesquisadores, em consonância com a ONG, e aprovado pelo CEP. Seu foco central foi compreender a relação entre solidão e envelhecimento. As perguntas disparadoras buscavam apreender as narrativas e as estratégias de enfrentamento à solidão, permitindo explorar os significados atribuídos aos processos de envelhecimento. Além das entrevistas, aplicou-se um questionário sociodemográfico, cujos dados estão apresentados na Tabela 1.

⁶ Os participantes assinaram o termo de consentimento para a participação na pesquisa. Conforme acordado, seus nomes foram preservados em respeito ao sigilo ético. Ressalta-se que todos os participantes eram pessoas cis, tal fato ocorreu por conveniência e não por escolha intencional. Destaca-se que, por os pesquisadores também serem pessoas cis, esse aspecto pode ter favorecido uma maior aproximação com esse grupo dentro da ONG.

4 ANÁLISE DE DADOS

Para análise de dados, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas na íntegra, para que, posteriormente, fossem analisadas sob a luz da AD. Tal processo se mostra essencial para identificar como os discursos produzem e reproduzem as subjetividades, perpassados pelo meio sociocultural, linguístico e ideológico.

Após esta etapa foi possível fazer uma articulação entre o objeto discursivo e o processo social que o levou a ser produzido (Lima *et al.*, 2017). Utilizando como base para análise, a teoria discursiva de Michel Foucault (1969/1987) que entende o discurso como algo que produz coletivamente e historicamente a realidade social e é capaz de definir o lugar do sujeito (Passos, 2019).

Quanto aos procedimentos para análise, inicialmente realizou-se uma leitura completa da transcrição do material de modo a entender pontos de semelhança e diferença entre os discursos. A partir desta percepção, foram criadas categorias de análise, que exprimem os aspectos centrais de concordância ou divergência entre os participantes, sendo elas: 1 - Solidão ou Solitude? 2 - A ambivalência em relação a família e, 3 – Não estamos sós: A presença da ONG na trajetória dos(as) pesquisados(as). Posteriormente, foi elaborado um texto de análise geral, juntando estas categorias com outras reflexões sobre o tema proposto.

5 CATEGORIAS DE ANÁLISE

5.1 SOLIDÃO OU SOLITUDE?

Há momentos que eu gosto dessa solidão, mas eu não sei se é solidão ou tem um outro nome, Solitude! Eu gosto de ficar sozinho, gosto de ficar com as minhas coisas, com o meu celular, minha TV, meus livros, sem ter que dialogar com ninguém (Lótus).

No relato de Lótus, evidencia-se a distinção entre solidão e solitude. Segundo o entrevistado, na solidão, manifesta-se a ausência de convivência com outro ser humano, enquanto na solitude, embora também possa ocorrer a falta de companhia, essa privação resulta de uma escolha consciente do indivíduo.

Para os demais participantes, a solitude também se faz presente, mesmo quando não se referem ao termo diretamente, relatam estar convivendo bem com a falta de alguém por perto, como se observa no relato abaixo:

Mais que eu trabalhasse, mas quando chega em casa, que aí você vê. Você não tem com quem repartir, com quem você... Aí só chora. Então, eu tive esses momentos, sim. Mas depois eu falei, não, mas aí não é vida. Se eu quero viver, se eu gosto da vida, eu vou ter que lutar. E não é fácil, né? De um dia para o outro. Mas eu consegui. Então, hoje eu vivo na solitude. Bom, deixa eu ver o

que é a solidão. E encaixava com a minha vida. É você saber que você vive bem sozinho e que isso não atrapalha nada na sua vida (Jasmim).

Os relatos de Jasmim e Lótus desafiam a perspectiva predominante apresentada por diversas pesquisas, que frequentemente associam o processo de envelhecimento da população LGBTQIA+ a uma trajetória marcada por solidão, estresse, abandono e adoecimento mental (Lima, 2024). Tal processo decorre, sobretudo, do rompimento de vínculos com a família biológica, que, ao longo da vida, gera múltiplos prejuízos e relações precárias, pouco acolhedoras. Em contrapartida, nos depoimentos dos participantes, evidencia-se uma aceitação e um sentimento de conforto nos momentos de solidão.

Hortênsia, revela em sua entrevista algo similar:

Que nem, eu moro sozinha, mas eu não me sinto só. Eu tenho muitos amigos, né? Muitos não, né? Tenho amigos. Que nem, às vezes tem gente que fala, mas você não tem vontade de ter ninguém, nada? Eu falei, não. Eu não me sinto sozinha nesse aspecto. De ter alguém junto, às vezes, ter vontade de falar com alguém na hora que chega em casa, ou tá à noite, sozinha, tal. Ou tá tomando um lanche, quer alguém pra conversar, essas coisas. Mas, assim, não é frustrante. Não me faz mal isso.

Nos relatos de Lótus, Jasmim e Hortênsia, percebe-se a vivência da solidão como enunciado por Foucault em entrevista à Sennett (1981, p. 1): “É uma solidão, na ideia de Epiteto, em que há uma diferença entre ser solitário e ser sozinho”. Sob essa noção, o filósofo destaca que a solidão pode constituir uma prática de si, um modo de elaborar a existência e produzir a si mesmo, isto é, buscar um espaço de constituição subjetiva para além das normas socialmente impostas.

Devido aos estigmas negativos associados à velhice na população LGBTQIA+, persiste, de maneira equivocada, a concepção de que essas pessoas seriam dependentes ou que já não possuem utilidade social (Santos *et al.*, 2020). Com base nas falas extraídas das entrevistas, foram identificados discursos que contestam a narrativa do(a) idoso(a) LGBTQIA+ triste e desamparado(a), evidenciando a possibilidade de felicidade, de novas descobertas e do fortalecimento de vínculos nesse período da vida.

A concepção hegemônica de que o envelhecimento dessa população ocorre sempre sob a ótica do abandono e da tristeza aparenta não se sustentar em todos os casos; é fundamental compreender o envelhecimento LGBTQIA+ como um processo plural. Nesse contexto de pluralidade, observa-se que, dependendo das interseções presentes, envelhecer também pode representar uma experiência de emancipação e resistência. Como será discutido mais adiante, a participação da ONG desempenha papel central, contribuindo para a produção de novos discursos sobre o envelhecimento.

Não se trata de romantizar o processo de envelhecimento dessa população, ignorando as frequentes discriminações e violências decorrentes da LGBTfobia; especialmente no que se refere à população trans, como demonstram os estudos de Domingues, Longo e Salles (2023). A proposta é apresentar outras perspectivas e possibilidades sobre o envelhecimento, capazes de fortalecer novas concepções acerca do que significa envelhecer e ser LGBTQIA+. Nesse sentido, como será discutido posteriormente, a ONG configura-se como um espaço que oferece aos entrevistados oportunidades de resistência e protagonismo na construção de uma outra noção de envelhecer.

Diante desta outra possibilidade de envelhecer se percebe nos relatos de Hortênsia e Jasmim, que ambas reconhecem que poderiam ter alguém por perto, mas que, atualmente, tal aspecto não representa obrigatoriamente sofrimento, mas, ao contrário, eventualmente, uma possibilidade de introspecção e autoconhecimento:

Uma coisa que me ajudou muito, quando estou sozinha... eu sempre falo isso pra todo mundo: conversar com o espelho [...] Ele não vai dar uma resposta, mas você vê que ele olha o seu espírito, a sua alma, porque você, conforme você vai falando, você vai tendo uma expressão no seu rosto, se observa. Aí você diz, tá bom? Não? Não tá legal? então o que podemos melhorar? (Jasmim).

A partir do espelho Jasmim encara a si mesma, nesse momento de introspecção, busca refletir sobre sua situação atual, fala em voz alta e se escuta. Observa-se, dá vazão às suas ideias e sentimentos, encara-se de frente, experimentando este momento sozinha como um espaço de encontro consigo mesma.

Nessa experiência, observa-se que Jasmim não busca companhia para sentir-se melhor, preferindo lidar consigo mesma. Como propõe Foucault (1981, p. 3): “Há um relacionamento direto entre solidão e sociabilidade; a menos que o ser humano possa se sentir bem sozinho, ele ou ela não pode estar bem com os outros”. O filósofo ressalta que é justamente devido à impossibilidade de alcançar a solidão que viver em sociedade se torna cada vez mais complexo. Assim, Jasmim não busca sociabilidade para preencher um vazio interno, mas sim para experienciar sua própria presença.

Apesar dos relatos positivos observados e das considerações feitas a respeito, destaca-se que os participantes também revelaram vivências difíceis e dolorosas de solidão, sobretudo quando esta é resultado da exclusão social e da falta de apoio. Este aspecto corrobora com diversas pesquisas que destacam que a solidão da população LGBTQIA+ decorrente da exclusão e do isolamento pode levar ao adoecimento psíquico, estados de sofrimento, tristeza e melancolia (Domingues; Longo; Salles, 2023).

Falando sobre isolamento, o processo de isolar com o intuito de excluir e eliminar o diferente não é atual, mas histórico. Foucault (1999) destaca que anteriormente eram

utilizados métodos repressivos e censuradores para se exercer o poder sobre o corpo e sexualidade, visando favorecer as demandas da classe dominante; a esta forma de poder designou o poder soberano. O autor destaca que gradativamente esta forma de se exercer o poder deu lugar ao poder disciplinar que se exerce por meio de regras e normas que regulam o comportamento dos indivíduos, esta forma de poder se mantém não pela dureza e aplicação da violência, mas, sobretudo, pela produção do saber.

Ainda em Foucault, para compreender a produção do saber, é necessário tratar sobre a verdade, para o autor, ela se define por “tipos de discurso que ela (sociedade) acolhe e faz funcionar como verdadeiros.” (Foucault, 1979, p. 10). Por isso o poder se mantém, não atuando apenas como uma forma de coerção, ele produz e apoia discursos sobre o que é verdade ou não. É possível visualizar este aspecto na fala de Lírio:

O idoso brasileiro, o homem gay brasileiro, né? Quando chega em uma certa idade acaba voltando para o armário com medo do constrangimento da família que pode cobrar muito dele, pode ameaçar de não ter mais contato, pensam na cabeça deles que gays não podem ter uma vida sexual ativa.

No relato de Lírio, percebe-se a exclusão e o isolamento previamente mencionados. Além disso, emerge um discurso de verdade sobre a sexualidade, expresso pela fórmula: heterossexual–correto–bom; homossexual–errado–mau. Trata-se de um saber que exerce controle sobre o corpo de Lírio, determinando o que seria adequado ou inadequado para pessoas idosas.

Ao mesmo tempo em que os entrevistados relatavam a maneira como lidam com a solidão, também destacavam os métodos que utilizam para seu enfrentamento. Compreende-se que o ato de sentir-se bem estando sozinho (solitude) pode constituir uma forma de enfrentamento; contudo, além dessa estratégia, diversos outros métodos foram mencionados nas entrevistas, como a presença de amigos e até a participação na própria ONG. Para Lótus, a melhor forma de enfrentar a solidão é:

Ligo, acho algum amigo, vamos sair, vamos beber, vamos ir a um barzinho, vamos cantar um joquê.” não distante, para Jasmim, além da presença do tratamento em psicoterapia, relata que: “como eu era professora, né? Então, você sempre tem aquele professor, e você bate mais com a sua amizade, com as suas ideias, e eu tinha, né, tinha duas, que me ouvia, conversava comigo, e me dava força.

De acordo com Gouveia, Matos e Schouten (2016, p. 1030-1040), por meio uma revisão de literatura sobre a relação entre rede de apoio das pessoas idosas e a sua

qualidade de vida ou outros indicadores de bem estar, constatou-se que o apoio é determinante na qualidade de vida, facilitando o enfrentamento de estressores ou dificuldades, entretanto, vale ressaltar que a rede de amigos foi mais contribuinte para o bem estar do que a familiar, processo esse que, segundo os autores, pode ocorrer devido aos conflitos familiares serem mais recorrentes que os conflitos com amigos.

Segundo Barrett *et al.* (2015), foi observado que as primeiras experiências de frustração, em relação a sexualidade, ocorrem no ambiente familiar, podendo assim, este aspecto, influenciar a percepção em relação a rede de apoio familiar, de tal maneira que alguns participantes podem ter optado por buscar em outras redes o acolhimento necessário. Este aspecto será debatido na categoria a seguir.

5.2 A AMBIVALENCIA EM RELAÇÃO A FAMÍLIA

Muitos anos atrás eu não levava a sério ter uma família, pra mim família não significava nada, era um integrante ali que fazia parte da minha vida, não valorizava muito isso, mas com o passar do tempo, com a minha idade eu passei a ter a carência familiar, entendeu? Aí eu gosto de estar perto deles, mas assim, sem que interfira na minha vida pessoal (Lírio).

Durante as entrevistas, o tema família se fez presente de diferentes formas, começando pelo relato de Lírio mencionado acima, que aponta a falta frequente da presença familiar. Como apresentam Cheng *et al.* (2011) os conflitos com familiares podem fazer com que a população LGBTQIA+ prefira estar entre amigos.

De acordo com Santos *et al.* (2020), em pesquisa sobre as representações sociais da velhice LGBTQIA+ brasileira, conclui-se que além da existência de um duplo preconceito, sendo relacionado a idade e a orientação sexual, as situações que aparentam desencadear o preconceito surgem das práticas sexuais. Esse estigma torna-se visível quando Lírio diz:

Quando eu passei 7 meses no Nordeste no ano passado, que fazia 30 anos que eu não ia, então muitas vezes chegava na casa de minha mãe, 2 ou 3 horas da manhã e ela perguntava “onde você estava?” Eu sou dono de mim, já tenho 64 anos, entendeu? Eu estava em um lugar que eu queria estar, “ah, mas a gente não dormiu por causa disso” não, por causa de mim não, eu tenho minha própria vida, então não permito que as pessoas invadam minha privacidade no dia a dia. [...] o preconceito continua, parte da família que eu tenho, família do coração também, que são meia dúzia de sobrinhos, aqui em SP, que às vezes fica falando coisas assim: “você tá velho, pra que ficar arrumando namorado?” porque eles acham que um velho gay não pode fazer sexo, não pode ter namorado... as vezes em uma roda de conversa, eu estava ali quando começava a falar “ah você não sabe de nada, você já tá velho” com palavras chulas. Eu pegava e saía do ambiente para não ficar passando por constrangimento, com o passar dos meses eu continuei frequentando esses lugares, eu sabia como me defender, tipo assim, a vida é minha, o corpo é meu e eu faço o que eu quero (Lírio).

Tal relato pode ser interpretado pela ótica de Foucault (1999) – no livro *Vigiar e Punir: Nascimento da prisão* – que destaca a existência de instituições disciplinares (família, escolas, hospitais, prisões e afins) como fatores determinantes para o controle dos indivíduos. Observa-se o indivíduo sem que ele saiba quando, buscando fazer com que adote o comportamento esperado pela maioria, corrigindo-o e reorientando seus atos. A família, nesse contexto, faz parte das instituições que também impõem disciplina ao indivíduo; desde seu nascimento, o sujeito é moldado pelas normas e práticas que a família reproduz.

Já na obra “*História da sexualidade I*”, Foucault (1988) discute o conceito da vontade de saber, que ocorre quando o discurso do poder é superior a outros discursos, conseguindo realizar o controle do que pode ser falado ou determinado como sexualidade, ocasionando nesse processo proibições e censuras a respeito de formas de sexualidade possíveis de serem exercidas.

Dessa forma, buscando a normatização do comportamento sexual, dentro do que é esperado pelo poder, observa-se no relato de Lírio que sua família aparenta impor um comportamento para ele, exercendo neste caso o poder de vigilância. Foucault (1999), demonstra que para manter seus interesses o poder, estabelece instrumentos para vigiar, definidos pelo autor como: “Como um olhar sem rosto que transforme todo o corpo social em um campo de percepção: milhares de olhos postados em toda parte, atenções móveis e sempre alerta, uma longa rede hierarquizada” (Foucault, 1999, p. 10).

Tal aspecto também pode ser observado no relato de Hortênsia, onde seus familiares mesmo não perguntando diretamente, mantém uma suspeita/vigilância sobre qual seria sua orientação sexual, ela relata que:

Que nem a minha família eu não posso me abrir, eu não posso falar nada, eles estão sempre atentos, mas, ninguém sabe de nada. Eles devem desconfiar, mas nunca me perguntaram e eu nunca senti vontade de falar. Tá bem do jeito que tá. Com a vida deles, eu com a minha. Ninguém perturba, nada. Quando eu preciso, eles estão aí (Hortênsia).

Nesse relato, observa-se que, para além da vigilância, há uma relação de insatisfação em relação aos familiares, frequentemente alimentada por tabus e crenças. Nos depoimentos acerca do significado da homossexualidade nas famílias, destaca-se que tal significado está intimamente vinculado a preconceitos, gerando medo de manifestar a própria sexualidade diante da família (Silva *et al.*, 2015).

Entretanto, também pode-se perceber nas falas dos entrevistados pontos de satisfação em relação à família, como por exemplo, quando Hortênsia diz que “quando preciso, eles estão aí”. Tais momentos, aparentam demonstrar um lado positivo da família. Além disso,

salientamos a fala do participante Lótus, que diz: “Eu nunca tive problema de as pessoas se afastarem porque eu sou gay. Não tive esse problema nem com a família.” Para se ver que nem sempre a família é espaço de rejeição podendo, eventualmente, ser um local de acolhimento e proteção.

Até o momento, foi apresentado o sentimento ambivalente dos participantes em relação à família. A seguir, serão destacados os meios de enfrentamento da solidão que perpassam a ausência da família. Para Hortênsia o meio encontrado foi:

Eu assisto muito filme, documentário, adoro jogar no celular, tenho os meus joguinhos aí, aqueles Mahjong, essas coisas aí. Quebra-cabeça. Jogo bastante. Eu gosto de séries, assim, que nem eu tô assistindo uma série que tem 6 temporadas, cada uma é 23 episódios. Então eu gosto, aquilo me distrai.

Muitas vezes, o enfrentamento da solidão ocorre por meio do desenvolvimento de atividades prazerosas, como assistir a séries, filmes e documentários, escrever ou até passear pelo metrô. Outros participantes ressaltam práticas coletivas, buscando a companhia de amigos em momentos de necessidade, convidando-os para sair ou conversar. Observa-se, assim, que lidar com a solidão envolve uma constante ambivalência: para alguns, ela se apresenta como prazerosa, às vezes até desejável; para outros, é vivenciada como sofrimento, sinônimo de abandono. Essa ambivalência também é perceptível na reflexão de Foucault (1981), realizada em entrevista ao sociólogo Richard Sennett, na qual o autor destaca dois modos distintos de vivenciar a solidão:

Em muitos dos escritos sobre esse tema, a ênfase é dada às duas primeiras solidões: as pessoas no isolamento percebidas ou como vítimas ou como rebeldes. Émile Durkheim é, provavelmente, o maior porta-voz dos solitários como uma vítima. Jean-Paul Sartre do solitário como um rebelde (Foucault; Sennett, 1981, p. 2).

A ambivalência diante da solidão e o papel da presença humana em seu enfrentamento também se evidenciam em estudos contemporâneos. De acordo com Azevedo e Afonso (2016), a interação social mostrou-se significativa em pesquisa com 73 idosos, que buscava compreender suas percepções sobre a solidão. Entre as principais recomendações apontadas pelos participantes, destacam-se a realização de passeios e atividades coletivas, como canto, dança, ginástica e trabalhos manuais, bem como a ampliação da presença familiar, evitando o abandono, e o fortalecimento da comunicação interpessoal. Por meio dessas experiências, é possível acessar novos espaços e vivências, como ilustra Hortênsia ao relatar, quando questionada sobre como chegou à ONG:

Através da “D”. Eu tinha amizade com a “D”. Por causa de um grupo que era só de mulheres. E tinha esse negócio de fazer churrasco em Sesc, ter reuniões assim só mulher. Então eu conheci a “D”. ali, nesses eventos que tinha, que é uma ONG também, não é ONG, né? São pessoas que ajudam crianças, faz festa pra criança de comunidade, ajuda, né, as famílias e tal. E eu conheci a “D”. através disso. Aí ela conhecia, começou a frequentar essa ONG, aí ela me levou. Isso foi em 2018.

Não há outra instituição semelhante à organização analisada. Após levantamento bibliográfico e documental, não foram encontrados registros de nenhuma outra associação ou organização não governamental que tenha como público-alvo pessoas idosas LGBTQIA+ em todo o território brasileiro. Desde sua fundação, a instituição atua no sentido de reunir pessoas idosas e suas múltiplas trajetórias, possibilitando a construção de novos olhares sobre o envelhecimento, afastados de estigmas e preconceitos. Na sequência, será apresentado como a ONG tem se constituído em um importante instrumento de enfrentamento da solidão entre os participantes desta pesquisa.

5.3 NÃO ESTAMOS SÓS: A PRESENÇA DA ONG NA TRAJETÓRIA DOS(AS) PESQUISADOS(AS)

Com palavras, acolhimento, aí você vai fortificando que ele melhora, não vai ser de um dia para o outro, lógico, mas ele vai devagar, [...] ele vai dizendo, nossa, eu posso encontrar outros caminhos. Que é isso que a gente faz lá na ONG, e fez comigo, eu não precisava do dinheiro, mas eu precisava que alguém me sacudisse, que alguém mostrasse para mim que eu mereço ser feliz, que eu mereço, mesmo morando sozinha. Não tenho direito de ficar me sentindo a última pessoa, porque a gente, na solidão, você acha que você é a última e você não é a última, ninguém é a última, somos todos juntos (Jasmim).

Na fala de Jasmim, percebe-se que escolher novos caminhos significou enxergar o que antes permanecia oculto. Nesse percurso, ela encontrou acolhimento e escuta. No livro O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas, é destacada a importância da escuta empática e do acolhimento genuíno por parte de quem se dispõe a ouvir, permitindo que o outro se expresse livremente, sem medo de julgamentos (Dunker; Thebas, 2021). Esses princípios não se restringem ao contexto terapêutico, mas se estendem à vida cotidiana. Observa-se, pelas palavras da participante, que o acolhimento recebido na ONG foi fundamental para que retomasse o prazer de viver e voltasse a sonhar.

A ONG também se mostrou relevante para Lírio e Lótus, que comentam sobre sua importância em diferentes contextos. Lótus destaca que a instituição possibilitou a construção de uma rotina em sua vida, enquanto, para Lírio, sua relevância esteve associada a um período de maior fragilidade:

Eu estava carente de tudo, uma pessoa destituída que tinha passado pela pandemia, perdido 20 pessoas, isso me deixou assim... Perdido diante da vida, não aceitando a morte, entendeu? [...] aí vim parar aqui, na ONG através de um cara que é o organizador da parada gay, né? o “E”, ele me deu o endereço daqui e fui muito bem acolhido, comecei a ter assistência psicológica, assistência alimentar que se chama segurança alimentar, e passei a ser muito bem acolhido aqui, então melhorei psicologicamente, fisicamente, minha vida cultural, minha integração para com as pessoas, então isso me ajudou muito a não pensar, em nenhum momento em voltar para o armário.

O período de fragilidade narrado por Lírio, foi atravessado por duas perspectivas: Luto e Pandemia⁷. Freud (1917/1996) compreende o luto como um processo lento e sofrido, caracterizado por uma tristeza que se deposita sobre o objeto perdido. Aponta que se trata de um momento de construção de um significado em decorrência do rompimento de um vínculo. Vale destacar que este processo foi vivido de maneira agravada não apenas por Lírio, mas por diversas pessoas, devido ao fato de que os rituais que normalmente ocorrem para conforto dos enlutados não podiam acontecer, o que pode ocasionar um luto prolongado.

É nesse contexto que ocorre o que Lírio denominou de “volta para o armário”. Como já mencionado, o preconceito e o estigma dirigidos a idosos LGBTQIA+ podem gerar medo de expressar a própria sexualidade. No cenário de crise sanitária e luto, a solidão se intensificou para o entrevistado, que se sentiu abandonado e forçado a negar sua sexualidade para ser aceito. Reforçando essa perspectiva, Mota (2012) observa que ser idoso e LGBTQIA+ representa uma constante batalha, na qual muitas vezes a sexualidade é ocultada em espaços públicos como forma de evitar preconceitos.

Novamente, evidencia-se a importância do trabalho da ONG. Como observa-se na Tabela 1, todos os participantes passaram ou ainda passam por psicoterapia na própria instituição, seja por meio de sessões individuais ou em grupo. Afinal, como afirma Yasmin: “Somos todos juntos”. O processo psicoterapêutico foi destacado pelos entrevistados como essencial para a elaboração do luto decorrente da pandemia, bem como para lidar com outras questões, sobretudo aquelas relacionadas ao abandono familiar e ao preconceito.

Além disso, a ONG proporciona aos participantes um espaço coletivo, fonte de amizade e convívio. Hortênsia ressalta: “Graças a Deus, aquela ONG ajuda bastante”, enquanto Lírio evidencia como encontrou um novo significado para sua vida ao se mudar de cidade e integrar a instituição: “Vim para São Paulo para mudar de vida, mas, para mim, mudar de vida significava assumir minha orientação sexual, que não era reconhecida; tudo era novidade em meu corpo e comportamento, e aqui encontrei apoio.”

Na ONG, os participantes relataram encontrar um ambiente seguro, no qual a solidão pode ser ressignificada, permitindo a construção de novas possibilidades e caminhos. Esse

⁷ Aqui nos referimos ao período de pandemia da COVID- 19. Foi uma crise de saúde global causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, que começou em Wuhan, na China, em dezembro de 2019.

espaço revela-se especialmente importante nos momentos em que os participantes se encontram sozinhos, muitas vezes excluídos ou negligenciados por suas famílias.

6 DISCUSSÃO DAS CATEGORIAS DE ANÁLISE

Uma parcela significativa da população idosa LGBTQIA+ no Brasil encontra-se em situação de invisibilidade e vulnerabilidade, resultado de trajetórias de exclusão que atravessam toda a vida e se acentuam na velhice. Como mencionado anteriormente, atualmente o país conta com cerca de 32,1 milhões de pessoas idosas, das quais aproximadamente 3,1 milhões se autodeclaram LGBTQIA+, embora o subregistro seja considerável em razão do estigma e do temor de discriminação (DIEESE, 2021).

Nesse contexto a ONG tem se destacado como um dos poucos espaços de acolhimento dedicados exclusivamente aos idosos LGBTQIA+. Até 2021, a organização já havia atendido mais de 1.500 pessoas, promovendo atividades de socialização e oferecendo suporte psicossocial por meio de uma rede de voluntários composta por assistentes sociais, psicólogos e outros profissionais. Essas ações têm sido fundamentais para promover uma velhice digna e saudável para esse grupo (Uol Ecoa, 2021).

A distância entre a demanda real e a capacidade de oferta de serviços especializados evidencia a urgência de ampliar e fortalecer iniciativas de apoio que considerem as especificidades de gênero e sexualidade na velhice. A maioria dos idosos LGBTQIA+ ainda recorre a redes informais ou permanece sem qualquer tipo de acompanhamento, fato que, aliado à baixa implementação das políticas públicas direcionadas – especialmente a ineficácia na efetivação da Política Nacional de Saúde Integral LGBT (PNSI-LGBT) – reforça a sensação de abandono.

É diante desse cenário que a solidão emerge como condição cronicamente presente na vivência desses sujeitos. O Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros (ELSI-Brasil) revelou que 16,8% da amostra nacional de pessoas com 50 anos ou mais relataram sentir-se solitárias “sempre”, enquanto 31,7% o faziam “às vezes” (ELSI-Brasil, 2016). Ainda que esses dados não discriminem especificamente os indivíduos LGBTQIA+, como visto anteriormente, a ocultação de identidades, muitas vezes impulsionada pela necessidade de sobrevivência em contextos hostis, contribui para o afastamento de redes de convivência.

As estatísticas nacionais sobre saúde mental e bem-estar da população idosa evidenciam a urgência de ações focalizadas. Pesquisa do Ministério da Saúde demonstra que idosos que se percebem solitários apresentam risco quatro vezes maior de desenvolver sintomas depressivos. No caso de idosos LGBTQIA+, essa probabilidade é ainda maior, em razão do acúmulo de estressores sociais (ELSI-Brasil, 2016). Embora a Política Nacional de Saúde Integral LGBT (Portaria nº 2.836/2011) reconheça a necessidade de uma atenção diferenciada para essa população, sua implementação ainda apresenta lacunas,

especialmente no que se refere à formação de profissionais e à ausência de protocolos clínicos específicos e adequados.

Em face desse cenário, a expansão de iniciativas como a da ONG pesquisada deve ser acompanhada de investimentos diretos do poder público e de parcerias intersetoriais, que viabilizem estruturação orçamentária, capacitação permanente de equipes de saúde e assistência social e pesquisa continuada para monitorar a efetividade das ações. A consolidação de indicadores sobre a população idosa LGBTQIA+ é indispensável para guiar políticas públicas e combater os processos de invisibilidade e exclusão.

A Política Nacional de Saúde Integral LGBT (Portaria nº 2.836/2011) no âmbito do Sistema Único de Saúde (SUS), mesmo que estabeleça a obrigatoriedade de ações de promoção da saúde e prevenção de agravos, têm se deparado com fragilidades estruturais, principalmente pela ausência de diretrizes específicas para idosos. Em muitos municípios, a capacitação de profissionais sobre temáticas de gênero e sexualidade limita-se a encontros pontuais. Assim, a receptividade de idosos trans ou homens e mulheres gays em unidades básicas de saúde (UBS) permanece precária, marcada por constrangimentos e práticas de microagressão (Guimarães *et al.*, 2020).

Outro entrave reside na carência de protocolos clínicos adaptados à terceira idade LGBTQIA+. Exames preventivos, orientações sobre cuidados com o envelhecimento e abordagens psicossociais seguem modelos hegemônicos que ignoram as vivências de discriminação e trauma vividas ao longo da vida por essas pessoas. A falta de registro consistente da orientação sexual e da identidade de gênero em prontuários eletrônicos impede o monitoramento epidemiológico e a elaboração de políticas focalizadas, perpetuando o sub-atendimento e a invisibilidade institucional (Guimarães *et al.*, 2020).

No campo da atenção psicossocial, observa-se ainda resistência à abertura de grupos terapêuticos específicos para idosos LGBTQIA+, resultando em maior dependência de serviços de saúde mental generalistas. Esses serviços, por sua vez, frequentemente carecem de profissionais familiarizados com as singularidades da vivência queer em idade avançada, o que reforça o isolamento e eleva o risco de quadros depressivos crônicos (Miranda; Souza; Carvalho, 2022).

Em paralelo às deficiências do sistema de saúde, a lógica capitalista e o etarismo contribuem para a exclusão econômica de pessoas idosas LGBTQIA+. A ênfase em padrões de produtividade e competitividade relega o idoso a um status de “inutilidade” social. Estudos de revisão indicam que, em ambientes laborais, a discriminação por idade se combina à homo e transfobia, resultando em maior dificuldade de contratação, manutenção de vínculo e acesso a benefícios previdenciários (Miranda; Souza; Carvalho, 2022).

Portanto, para enfrentar esse conjunto de desafios, faz-se indispensável a articulação entre os setores de saúde, assistência social e o mercado de trabalho. Propõe-se a criação de programas de reinserção profissional adaptados a competências e ritmos da terceira

idade LGBTQIA+, bem como a implementação de políticas de estímulo à economia solidária e promoção de autonomia. Além disso, o fortalecimento de linhas de crédito especiais destinadas a organizações, como a investigada neste estudo, pode ampliar o alcance dos serviços de acolhimento e convivência, amenizando os impactos da exclusão social.

Em síntese, a superação das deficiências na saúde pública e na inclusão econômica requer não apenas a revisão de normas e investimentos, mas o reconhecimento político e social da dignidade das pessoas LGBTQIA+ idosas. Somente por meio de políticas públicas intersetoriais, financiamentos adequados, formação continuada de profissionais e estímulo a modelos de produção econômica inclusivos será possível assegurar que essas pessoas vivenciem a velhice com bem-estar, autonomia e respeito integral.

Paralelamente, é imprescindível estruturar um sistema nacional de vigilância social e epidemiológica que registre a orientação sexual e a identidade de gênero dos usuários, respeitando sua privacidade. Esses dados são fundamentais para dimensionar as desigualdades e avaliar o impacto das ações implementadas. Sem esse mecanismo de informação dificulta-se a formulação de políticas baseadas em evidências científicas e a responsabilização dos gestores públicos.

A sociedade civil organizada e os movimentos de defesa dos direitos LGBTQIA+ devem assumir papel central na co-gestão dessas políticas, atuando como instâncias de mobilização comunitária e fiscalização das ações governamentais. Parcerias entre prefeituras, secretarias de saúde, universidades e organizações não governamentais podem viabilizar polos regionais de atendimento e promoção de atividades culturais, criando espaços de convivência.

Em última instância, a luta por um envelhecimento digno para pessoas LGBTQIA+ no Brasil é uma luta por reconhecimento e reparação histórica. Implica admitir as violências passadas e comprometer-se com a equidade não apenas no discurso, mas nas estruturas de poder e alocação de recursos. Somente a partir desse compromisso será possível garantir que as pessoas LGBTQIA+, ao envelhecerem, não enfrentaram a invisibilidade e possam usufruir de redes de apoio fortes, valorização e de serviços públicos acolhedores.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste trabalho representou não apenas uma experiência de construção acadêmica, mas também um exercício de escuta e reflexão sobre os impactos da exclusão no processo de envelhecimento de pessoas LGBTQIA+.

A partir dos relatos obtidos nas entrevistas realizadas com participantes da ONG, foi possível compreender que o envelhecimento LGBTQIA+ é atravessado por processos de invisibilidade, estigma e silenciamento. As narrativas revelaram que a solidão, embora presente, não pode ser compreendida de forma unívoca: ela pode constituir uma fonte de

sofrimento, mas também um espaço de introspecção e de reconfiguração subjetiva, especialmente quando mediada por redes de apoio afetivo, práticas culturais e por espaços comunitários, como a própria ONG pesquisada.

Nesse sentido, este trabalho permite desconstruir discursos normativos que associam o envelhecer à perda e inutilidade, reforçando a importância de se pensar a velhice como uma etapa dinâmica da vida. A partir da escuta das experiências vividas por sujeitos que, historicamente, foram excluídos dos debates sobre políticas públicas e direitos sociais, foi reconhecido que o enfrentamento da solidão está ligado à validação da identidade e à valorização das trajetórias individuais.

Cabe, no entanto, destacar algumas limitações do estudo. Por se tratar de uma investigação qualitativa, cujo foco recai sobre a profundidade da compreensão e não sobre a representatividade numérica, não é possível generalizar os resultados para um contingente maior de pessoas. Ainda assim, os relatos analisados oferecem pistas relevantes sobre dinâmicas subjetivas e sociais que atravessam o envelhecimento LGBTQIA+.

Nesse sentido, discutir o envelhecimento LGBTQIA+ significa discutir direitos humanos, cidadania e justiça social. O contato com as narrativas dos participantes, aliado à análise crítica das práticas excludentes que emergem no campo social, permitiu-nos repensar nosso lugar enquanto pesquisadores e cidadãos. O processo de investigação foi marcado por um constante sentimento de transformação, evidenciando a pluralidade das experiências de envelhecer e o valor de reconhecê-las para a construção de uma sociedade mais inclusiva. O presente trabalho constitui um passo importante nessa direção, ainda que reste muito a ser feito.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Zaida de Aguiar Sá, AFONSO, Maria Alcina Neto. Solidão na perspectiva do idoso. **Rev. Bras. Geriatr. Gerontol**, Rio de Janeiro, n. 19, v. 2, p. 313-324, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1809-98232016019.150085>. Acesso em: 20 jan. 2025.

BARRETT, C; WHYTE, C; COMFORT, J; LYONS, A; CRAMERI. Social connection, relationships and older lesbian and gay people. **Sexual and relationship therapy**, v. 30, n. 1, p. 131-142, 2015.

BRASIL. Lei nº 10.741, de 1 de outubro de 2003. Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, 2003. Disponível em: www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/10.741.htm. Acesso em: 13 maio 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa. **Política nacional de saúde integral de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais**. Brasília: Ministério da Saúde; 2011.

CAMARANO, Ana Amélia; KANSO, Solange. As instituições de longa permanência para idosos no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v. 27, n. 1, p. 233-235, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-30982010000100014>. Acesso em: 15 jan. 2025.

CHENG, Sheung-Tak, LI, Kin-Kit, LEUNG, Edward MF, CHAN, Alfred CM. Social exchanges and subjective well-being: do sources of positive and negative exchanges matter? **The Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences**, v. 66B, n. 6, p. 708–718, 9 jul. 2011. Acesso: 15 mar. 2025.

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA (BRASIL). **Referências técnicas para atuação de psicólogos em políticas públicas para população LGBTQIA+**. Recurso eletrônico. Brasília: Centro de Referência Técnica em Psicologia e Políticas Públicas - CREPOP, 2023. Disponível em: https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2023/06/RT_LGBT_crepop_Web.pdf. Acesso em: 27 maio 2024.

DENZIN, Norman K. & LINCOLN, Yvonna. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed. 2006.

DIEESE. Perfil das pessoas com 60 anos ou mais. **Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos**, 2021. Disponível em: <https://www.dieese.org.br/outraspublicacoes/2021/graficoPerfil60AnosMais.html>. Acesso em: 04 abr. 2025.

DOMINGUES, Dandara Carmélia da Silva., LONGO, Priscila Larcher & SALLES, Rodrigo Jorge. “Você tem o privilégio de envelhecer ou você é trans?": transfobia, sofrimento ético-político e o envelhecimento da população transgênera no Brasil. **Oikos: Família E Sociedade Em Debate**, v. 34, n. 2, p. 1-20, 2023.

DUNKER, Christian; THEBAS, Cláudio. **O palhaço e o psicanalista: Como escutar os outros pode transformar vidas**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2021.

ELSI-Brasil. **Estudo Longitudinal da Saúde dos Idosos Brasileiros: Manual de Campo e Documento de Referência**. Fiocruz, 2016. Disponível em: <https://elsi.cpqrr.fiocruz.br/>. Acesso em: 04 abr. 2025.

FERREIRA, Luiz Antonio; COSTA, Guilherme Luiz. Interseccionalidade e suas potencialidades nos estudos sobre velhices e envelhecimentos LGBTQIA+ no Brasil. **Rev. Longeviver**, São Paulo, Ano VI, n. 23, p. 15-25, Jul/Ago/Set. 2024.

FOUCAULT, Michel; SENNETT, Richard. Sexualidade e solidão. **London Review**, p. 4-7, maio/junho 1981. Disponível em: https://historiacultural.mpbnet.com.br/pos-modernismo/Sennett-Foucault-Sexualidade_e_Solidao.pdf. Acesso em: 05 abr. 2025

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 6 ed. Rio de Janeiro: Forense-universitária. 1987. (Trabalho original publicado em 1969).

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Macha. 13ª. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. 20. Ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: A vontade de saber**. 13. Ed. Rio de Janeiro, Edições Graal, 1988.

FREITAS, Maria Célia; QUEIROZ, Terezinha Almeida; SOUZA, Jacy Aurélia Vieira. O significado da velhice e da experiência de envelhecer para os idosos. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 44, n.2, p. 407-412, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0080-62342010000200024>. Acesso em: 20 mar. 2025.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, v. 114, p. 197-223, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em: 20 fev. 2025.

FREUD, Sigmund (1917). **Luto e melancolia**. Obras completas, ESB, v. XV. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GOUVEIA, Odilia Maria, MATOS, Alice Dellerue, SCHOUTEN, Maria Johanna. Redes sociais e qualidade de vida dos idosos: uma revisão e análise crítica da literatura. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontol**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 6, p. 1030-1040, 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-22562016019.160017>. Acesso: 15 mar. 2025.

GUIMARÃES, Nilo Plantiko; SOTERO, Rafaela Lirio; COLA, João Paulo; ANTONIO, Suzana; GALAVOTE, Heletícia Scabelo. Avaliação da implementação da Política Nacional de Saúde Integral à população LGBT em um município da região Sudeste do Brasil. **RECIIS**, [S. l.], v. 14, n. 2, 2020. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1712>. Acesso em: 10 dez. 2025.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico: população idosa no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/22827-censo-demografico-2022.html>. Acesso em: 17 fev. 2024.

KALACHE, Alexandre; LIMA, Kenio Costa; LOUVISON, Marília; SILVA, Vanessa de Lima. Envelhecimento, velhices e interseccionalidades. **Revista brasileira geriatria e gerontologia**, 26:e230249, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1981-22562023026.230249.pt>. Acesso em: 17 mar. 2025.

LIMA, Deivson Wendell da costa; VIEIRA, Alcivan Nunes; GOMES, Antonio Marcos Tosoli; LIA, Carneiro Silveira. Historicidade, conceitos e procedimentos da análise do discurso. **Revista Enfermagem UERJ**, v. 25, e12913, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/reuerj.2017.12913>. Acesso em: 9 maio 2024.

MOTA, Murilo Peixoto. A construção da homossexualidade no curso da vida a partir da lembrança de gays velhos. **A Revista Bagoas - Estudos Gays: Gêneros e Sexualidades**, Rio Grande do Sul, v. 6, n. 7, p. 199-222, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/bagoas/article/view/2242>. Acesso: 13 mar. 2025.

PAULO, Rodrigues, Após liderar luta no passado, idosos LGBTQIA+ estão em busca de acolhimento. **Uol ecoa**, São Paulo. Disponível em: <https://www.uol.com.br/eco/ultimas-noticias/2021/06/16/apos-liderar-luta-no-passado-idosos-lgbtqia-estao-em-busca-de-acolhimento.htm#:~:text=Ap%C3%B3s%20liderar%20luta%20no%20passado%2C%20idosos%20LGBTQIA%2B%20est%C3%A3o%20em%20busca%20de%20acolhimento,-Antes%20da%20pandemia&text=Ele%20tinha%20se%20programado%20para,conseguiu%20manter%20seu%20pr%C3%B3prio%20plano>. Acesso em: 4 abr. 2025.

PASSOS, Izabel Christina Friche. A Análise Foucaultiana do Discurso e sua Utilização em Pesquisa Etnográfica. **Psicologia: Teoria E Pesquisa**, v. 35, e35425, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e35425>. Acesso em: 7 maio 2024

SANTOS, José Victor de Oliveira; ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes; FONSECA, Luciana Kelly da Silva; SALGADO, Ana Gabriela Aguiar Trévia; JESUS, Lorena Alves. O que os brasileiros pensam acerca da velhice LGBT? **Avances en Psicología Latinoamericana**, v. 38, n. 2, p. 1-14, 2020. Disponível em: <https://revistas.urosario.edu.co/index.php/apl/article/view/5876/8503>. Acesso em: 15 jun. 2024.

SANTOS, José Victor de Oliveira. ARAÚJO, Ludgleydson Fernandes. NEGREIROS, Fauston. Atitudes e estereótipos em relação à velhice LGBT. **Interdisciplinar**, São Cristóvão, v. 29, p. 57-69, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/interdisciplinar/article/download/9624/7457/27403>. Acesso em: 3 abr. 2024.

SILVA, Jonathan Chasko; ARAÚJO, Alcemar Dionet. A metodologia de pesquisa em Análise do Discurso. **Grau Zero – Revista De Crítica Cultural**, v. 5, n. 1, p. 17–31, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.30620/gz.v5n1.p17>. Acesso em: 26 fev. 2024.

SILVA, Mônica Magrini de Lima, FRUTUOZO, Juliana Fernandes Furlan, JEIJÓ, Marianne Ramos, VALERIO, Nelson Iguimar, CHAVES, Ulisses Herrera. Família e orientação sexual: dificuldades na aceitação da homossexualidade masculina. **Temas em psicologia**, v. 23, n. 3, p. 766-692, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.9788/TP2015.3-12>. Acesso em: 11 mar. 2025.

Recebido em: 22/09/2025
Aceito em: 30/03/2026